



**O sagrado em nós: tudo que tem verdade é belo**  
*The sacred in us: everything that has truth is beautiful*

DO SVADESHI CABRAL DE MELO, Brisa<sup>1</sup>; FABRÍCIO NOGUEIRA REGINALDO  
DA ROCHA, Rômulo<sup>2</sup>

<sup>1</sup> MIRAWÊ, brisa.cabral@gmail.com; <sup>2</sup> MIRAWÊ, fabriciodrocha@gmail.com

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

### **Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas**

#### **Apresentação e Contextualização da experiência**

O espaço “Mirawê” (que significa Sagrado, na língua dos índios Pataxós), iniciou sua fundação em 2014 quando nós, guardiões, Brisa e Fabrício, chegamos ao terreno situado no Sítio Campo Alegre, na zona rural de Crato, Ceará, pertencente ao território do povo Kariri, inserido na APA-Araripe, circunvizinha à primeira Floresta Nacional criada por decreto no Brasil – a FLONA Araripe. A região de chapada conta com uma riqueza de cursos d’água, cinco fitossociofisionomias (caatinga, carrasco, cerrado, cerradão e mata atlântica) e manifestações culturais singulares, como reisado, bacamarte, côco de roda, maneiro pau, rabequeiros, literatura de cordel e bandas cabaçais.

Para além do patrimônio natural e imaterial, a região do Cariri abriga mestras e mestres da agricultura ecológica, guardiãs e guardiões de sementes, de espaços místicos e de parceria em prol da agroecologia, que ancoram no território os saberes ancestrais do bem viver. Foi com esse envolvimento que nós, Brisa e Fabrício, buscaremos os conhecimentos sistematizados pela permacultura para iniciar a experiência em Mirawê. A estratégia foi de recuperar a área degradada ao mesmo tempo em que bioconstruímos sua morada.

Na época, não havia abastecimento de água pelo poder público no Sítio Campo Alegre. Os moradores dependiam da boa vontade dos donos de terra, que possuem os melhores acessos à água ou de pessoas com um poder aquisitivo melhor e que podiam ter cacimbas/poços profundos em suas chácaras. Paradoxalmente, as mulheres tinham a tarefa de abastecer a casa com água buscada nessas propriedades ou na fonte das Guaribas (sítio vizinho). Para o casal, essa dinâmica foi resolvida com o fornecimento de água a partir da cacimba de um vizinho, no mesmo sistema de dever favor (cabresto). Essa condição sociopolítica atravessa gerações e prende a população mais desfavorecida aos desmandos dos coronéis modernos.

Por conta disso, o fornecimento de água para o sítio Campo Alegre passou 30 anos em negociação, visto que o poder público também estava submetido ao embargo do



acesso à fonte localizada nas mãos do dono da terra. Esse fato vem acompanhado de fatores sociais históricos, que limitam, por exemplo, a produção de alimento e a segurança alimentar e nutricional, visto que o povo pobre é renegado às terras poucas e desgastadas. Tal cenário também é vivenciado na comunidade local.

Isso posto, situamos o terreno designado à experiência aqui relatada na conjuntura acima descrita. No aspecto ambiental, a área possuía manchas de mata em regeneração misturada a fruteiras, com predominância de mangueiras, e também áreas de clarão, há muito destinadas à pastagens, que deterioram ainda mais o solo do semiárido, quando em monocultivo e pisoteio dos animais constantemente.

Apesar de toda herança que impregna historicamente a família camponesa, a área de encosta da Chapada do Araripe presenteia muitas frutas de época que agregam a alimentação e a fonte de renda das famílias agricultoras, coletoras e extrativistas. A floresta vem ensinar aos olhos mais atentos que a biodiversidade é a base para a sustentação da teia da vida! A fonte de todo equilíbrio e harmonia.

É nesse cenário, na beleza da Chapada, nos percalços da estrutura social, na esperança de um mundo melhor, que Mirawê brota do chão sagrado e do nosso coração para a dimensão do real, co-criando veredas do bem!

Ao longo do tempo (2014 – 2023), mediante as várias frentes de atuação em Mirawê, passaram muitas/os mestras/es, aprendizes e viventes! Nas etapas de bioconstrução, o olhar acurado de Ciçô inventor (Cícero Silva Chagas) trouxe firmeza das técnicas sortidas de trabalho com o barro alinhado com madeira. O barro vermelho está presente nas formações edáficas do entorno e, não coincidentemente, havia, na ocasião, uma retirada de solo remetido à indústria de cerâmica, para a qual o barro bom para taipa é refugio, mas que logo foi aproveitado nas elevações em Mirawê.

Esse contexto proporcionou o acesso ao conceito quilômetro zero, que é promover o consumo de materiais locais, reduzindo a distância entre produtos e consumidores. Com isso, busca-se reduzir os danos ao meio ambiente pelo impacto de todas as emissões de gás carbônico e consumo de combustíveis fósseis nos transportes destes produtos. Tratam-se de materiais que podem ser adquiridos localmente, que não precisam ser transformados e, no fim da vida útil, possam ser devolvidos ao meio ambiente. A abordagem da Arquitetura Km 0 tem o principal intuito de proporcionar construções mais sustentáveis, saudáveis, econômicas e socialmente acessíveis e fortemente vinculadas à identidade dos territórios (Souza, 2021).

Ainda na concepção da cadeia curta de consumo, a região proporciona a diminuição de resíduos pela promoção de feiras agroecológicas e espaços colaborativos de economia solidária, promovidos pela Associação Cristã de Base – ACB, pelo Sindicato de Produtores Orgânicos, pela Casa de Quitéria, pelo Encontro de Saberes da Caatinga e pelo Movimento Cariri Agroecológico. Dessa forma, o acesso a produtos sem contaminação direta de agrotóxicos, livre de trabalho



escravo/infantil, podem ser transportados em embalagens retornáveis, de fibras vegetais e/ou biodegradáveis, tanto pelos produtores, quanto pelos consumidores. Aqui, também ancoramos o movimento lixo zero, que divulga ações e soluções para a redução drástica de lixo.

Nessa perspectiva, no ambiente rural, torna-se mais propício decrescer os resíduos destinados à coleta pública com o direcionamento dos orgânicos para a compostagem. Dessa forma, promove-se a ciclagem *in loco* dos materiais, favorecendo o retorno dos elementos ao solo, o que deixa o ciclo mais fechado e, portanto, sustentável.

Não somente a matéria orgânica pode ciclar num espaço de resistência socioambiental, a água também pode percorrer tantos caminhos quanto possível. O reuso da água vem para direcionar as veredas por onde a água servida vai passar na área de produção (de alimento, de fibras, de madeiras, de criatividade). Para isso, muitas tecnologias socioambientais podem ser lançadas, tais como: ciclo de bananeiras, fossas sépticas biodigestoras, jardins filtrantes.

Nossa participação na formação da EsCaPe – Escola Cariense de Permacultura consolidou ainda mais as vivências e direcionamentos escolhidos para Mirawê. A condução dos Cursos de Desing em Permacultura, juntamente com o coletivo, trouxe ao campo um olhar mais esmerado sobre a importância de recintos-vitrines, que inspirem andarilhas/os nas trocas de experiências rumo ao equilíbrio dinâmico que a natureza da vida nos traz.

É com esse espírito de acolhimento ao aprendizado-ensinamento que nos honramos em compartilhar nossa experiência de guardião e guardiã de Mirawê, espaço de convivência com os seres da natureza, os quais reverenciamos e aprendemos a co-existir com harmonia, paz e amor. Por nós, por eles, tudo que é conduzido é para o bem maior!

### **Desenvolvimento da experiência**

Nós somos um casal apaixonado pela natureza! Resolvemos morar numa zona rural mais distante do centro urbano do que a que morávamos. Conseguimos um terreno relativamente grande, mas que coube em nosso pequeno bolso.

À época, já havíamos feito a opção pelo veganismo e também pela adesão ao movimento lixo zero, que juntos passaram a pautar nossas escolhas e organização diárias, como também as que interferem a longo prazo.

Identificamos os clarões (espaços de pasto) que já existiam no terreno, resolvemos, inicialmente, ocupá-los com as estruturas bioconstruídas, com o intuito de não retirar nenhuma árvore.



A morada foi pensada para ter uma cozinha comunitária, dormitórios para visitantes e o espaço dos guardiões, dispostos entre plantas nativas e matos comestíveis.

Como demanda inicial, tínhamos que construir nossa casa e, naturalmente, planejamos para tudo ser bioconstruído, com material do entorno, uso de tecnologias socioambientais e relíquias de demolição (portas, janelas e vitrais). Num projeto original, inspirado em “palafita” demos início a bioconstrução da nossa casa. Com toras de eucalipto, resgatadas do terreno de um vizinho, fizemos o alicerce. Sempre buscando a reutilização de materiais, como: garrafas de vidro (piso, decoração, e entrada de luz), garrafa pet (parede da cozinha) resto de madeiras de serraria, e cerâmicas. Tudo foi erguido em festa! Com nossos vizinhos e amigos, ora com mão-de-obra paga, ora em regime de mutirão comunitário.

O Tratamento da água servida, de forma ecológica, é um dos principais cuidados que temos. Assim, implementamos a BET - Bacia de Evapotranspiração (águas enfezadas), e o círculo de bananeiras (águas cinzas), que nos trouxe um grande alívio, e contentamento em saber que não estamos poluindo o nosso solo e aquíferos. Para tanto, optamos em não usar produtos de limpeza industrializados, nosso sabão é caseiro, e todos os nossos produtos de limpeza é a base de limão, e essências.

Através dos SAFAs (Sistema Agroflorestal e Agroecológico) aguçamos a nossa percepção e amor pelo reino vegetal; observando o entorno, entendendo as necessidades de cada área e o seu potencial, assim como o conhecimento das plantas nativas, e tratamento ecológico do solo e da água. Na perspectiva de minimizar o impacto dos gases de efeito estufa, durante a implementação dos SAFAs, optou-se pelo plantio de muitos jatobás, que é uma das espécies que mais sequestra carbono, além de muitas espécies endêmicas.

Importante citarmos as pessoas que foram cruciais nesse processo: família Lerner - Agrodoia (Silvanete, Vilmar, Fernanda, Pedro e Débora), Jó (Erlânio de Almeida Gregório), Fernando Rebello (cepeas), Marsha Hanzí, Ana Primavesi, Ernest Götsch.

Um outro princípio norteador da nossa vivência no Mirawê é a redução do “lixo”, acreditando na possibilidade de zerar os resíduos destinados à coleta. Trocamos as sacolas de plástico por sacos de pano para as nossas compras, sejam grãos e cereais, que compramos a granel, hortaliças (produção local e agroecológica), frutas, etc. Os resíduos orgânicos são compostados e direcionados aos canteiros produtivos. Ainda sobre a “pegada ecológica” que deixamos durante nossa existência, cada um/a que experencia Mirawê é convidado/a a rever suas escolhas e ao consumo lixo zero.

Sobre as vivências, tivemos vários momentos de trocas e partilhas. Abrimos nossa casa para receber viajantes à procura de novos rumos, degustar novos sabores, sentir outras texturas, outras águas, outra Terra. Além das atividades e vida cotidiana, um aprendizado importante que tivemos foi o PDC - Curso de Design em



Permacultura que a EsCaPe - Escola Cariense de Permacultura promove nas zonas rurais, sendo que um módulo foi realizado em Mirawê. Facilitaram esse momento, além dos guardiões, Luciana Medeiros, Paulo Campos, Ciçô Inventor, Marcelo Casimiro e Eduardo Vivian.

Nessa experiência, entende-se, por tanto, que a agroecologia não se destina, tão somente, à produção de alimento, mas, sobretudo aos cuidados com as pessoas, com o planeta, com a vida!

## **Desafios**

Desde a tomada de decisão para a mudança, muitos percalços surgiram. Todos foram resolvidos! Alguns demandaram mais paciência, desgaste físico e emocional. Outros proconizaram maturidade na lida com assuntos mais delicados, na lida com as pessoas, na lida com os animais silvestres que já moravam.

Um desafio, hoje gostoso de contar, foi nosso acampamento no terreno sem estrutura. Optamos por isso para não pagarmos aluguel e estarmos presentes na obra. Passamos 6 meses dormindo numa barraca de camping, construímos banheiros secos e tomávamos banho de mangueira com água cedida pelo vizinho. Depois, outras pessoas juntaram-se a nós com barracas, numa proposta de vivências em Mirawê.

Outro revés foi o acesso à água. Tivemos que fazer uma cacimba para suprir as necessidades. Com 24 metros de profundidade, conseguíamos apenas 500 litros em dias alternados. Construímos cisterna para abrigar água da chuva e dessa forma passamos, até que o poder público chegou com o abastecimento. Mesmo assim, para condução dos SAFAs dependíamos da chuva, que nessa região é concentrada em 3 meses do ano. Nos demais meses, a cobertura de solo e o acúmulo de matéria seca (madeira, fibra de capim e podas) ajudaram a manter o aconchego para as raízes das plantas.

Tudo era muito estranho aos olhos da comunidade. A relação com a natureza sagrada, o desenho arquitetônico dos espaços bioconstruídos, a forma de plantio e alimentação.

Para a obra, manejo da terra e dos recursos ambientais, tivemos que mudar muitas vezes nossos parceiros, por conta da não adaptação às técnicas que queríamos.

Mas diante de tudo, a adversidade maior foi o gerenciamento das finanças. Tínhamos, como princípio a remuneração digna para as pessoas que estiveram conosco, trazendo esse sonho mais pra perto da gente. Em 2014 (ano que chegamos) o fluxo de dinheiro mais saía que chegava, isso foi desafiador!



Muitos entraves mostraram-se para que pudéssemos aprender e avançar um pouco mais no entendimento da melhor forma de estarmos aqui, nesse planeta, co-criando numa irmandade, para o bem maior!

### **Principais resultados alcançados**

Alguns dos resultados alcançados foi a estruturação do solo, tanto fisicamente, quanto biologicamente. Percebemos muitos organismos chegarem depois da implementação dos SAFAs e da cobertura de solo. A presença de húmus de minhoca em toda a extensão das linhas plantadas e manejadas é rica! Observamos também a alteração da cor do solo, que passou de um amarelo esbranquiçado para um marrom. O microclima também melhorou por conta das bananeiras e maior presença das plantas originárias que foram ganhando espaço, ao invés de retiradas.

Socialmente, a comunidade passou a valorizar mais as roças e flores espontâneas, como Zínias. A visibilidade que as/os visitantes despertam na vizinhança, de certa forma, respalda nossas escolhas e condutas, animam novos olhares e inspiram mudanças, mesmo que tímidas, mesmo que restritas ao pensamento ou sentimento.

### **Disseminação da experiência**

A disseminação das experiências se traduz no número de visitantes que recebemos em Mirawê para conhecer a experimentação de morada e manejo que desenvolvemos ao longo do tempo. As estratégias que buscamos para redução dos impactos empolga e inspira os que passam pelo espaço.

Esse ano de 2023, recebemos atividades do I Encontro Agroecológico do Cariri, um movimento que se iniciou para fortalecer os laços entre as pessoas com vistas à caravana para o CBA. O foco da interação foi nas técnicas de saneamento ambiental, compostagem e SAFAs.

Conseguimos contagiar outras pessoas na ocasião da compra de mantimentos, que fazemos em lojas que comercializam à granel. Levamos saquinhos de tecido, evitando as embalagens de plástico.

Essa experiência pode e deve ser replicada em outras áreas, sempre respeitando o perfil comunitário e observando o potencial ambiental. Também pode inspirar professores para realizarem visitas com seus estudantes. E mais, despertar comunidades para o turismo rural.

### **Referência**

SOUZA, Eduardo. **Materiais a 0 km e a ideia de preservar o meio ambiente e as culturas locais.** 17 Abr 2021. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/958880/materiais-a-0-km-e-a-ideia-de-preservar-o-meio-ambiente-e-as-culturas-locais>> ISSN 0719-8906. Acesso 11 Jul. 2023.